

**Ismael dos Santos**, formado em Administração e Letras (FURB), pós-graduado em Comunicação (FURB), mestre e doutor em Literatura (UFSC). Fundador do Centro Terapêutico Vida (CTV) e idealizador do Programa Reviver, uma arrojada ação governamental para abrigar jovens que desejem superar a dependência química. Ismael é um incansável palestrante e autor de mais de meia centena de livros nas áreas política, histórica, devocional e infanto-juvenil. Durante 12 anos exerceu o mandato de Vereador em Blumenau (SC) e, em 2010, foi eleito Deputado Estadual em Santa Catarina, cumprindo atualmente o seu terceiro mandato.



*O autor tomando chimarrão com seu irmão menor - quando residia em Chapecó -, no início dos anos 1970.*

Este é um livro escrito para quem deseja ouvir a voz de Deus, mesmo que imerso em circunstâncias adversas da vida.

Ismael, Doutor em Literatura, escreve há quase quatro décadas, e nesta ficção ele torna a abordar um tema recorrente em suas obras: o poder da decisão de seguir os princípios cristãos, não obstante as tentações e o barulho de vozes que querem nos afastar de Deus.

Aqui temos o protagonismo de Kauan, um bisneto de escravos que na sua busca de fé oferece a cada um de nós pistas e indicações para este longo e apaixonante caminho.

Cada capítulo desta narrativa é como um clarão que ilumina a nossa espiritualidade, sem nos deixar dominar pelas nossas emoções negativas.

**Evandro Anselmini**  
Empresário, cristão e membro da  
Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Caibi, SC

**Amoler**



Ismael dos Santos

TUDO VAI FICAR BEM!

Ismael dos Santos

# Tudo VAI FICAR bem!

**Um livro leve  
escrito em tempos pesados**

No dia do meu aniversário, acordei com dores insuportáveis. Na emergência de um hospital, o diagnóstico: obstrução intestinal. Horas depois, subtraíram-me o apêndice e 15 centímetros do intestino; em seguida, um longo processo de recuperação, sem perder a convicção de extrair algo de bom da experiência. Amigos mandavam mensagens e, coincidentemente, muitas delas encerravam afirmando: “Tudo vai ficar bem!”.

Esse sentimento de fé e esperança motivou-me a escrever esta ficção durante aqueles 30 dias pós-cirurgia. A dor tingida pela expectativa de superação fez surgir este texto, buscando alinhar nossas prioridades, fortalecer nossas certezas e encorajar o nosso testemunho cristão.

Boa leitura!

O autor  
Setembro/2021

*Tudo*  
VAI FICAR  
*bem!*



Ismael dos Santos

*Tudo*  
VAI FICAR  
*bem!*

  
EDITORA  
**Amóler**

©2021, de Ismael dos Santos

*Todos os direitos reservados*

### Ficha Catalográfica

S237t Santos, Ismael dos  
Tudo vai ficar bem! / Ismael  
dos Santos. - Blumenau : AmoLer  
Editora, 2021.

94 p. ; 18cm

ISBN 978-65-88772-60-7

Literatura brasileira - Ficção - I.  
Título

CDD: B869

CDU: 39

# 1

- Em cada “se” um destino diferente!  
- “Se” ... do que você está falando?  
- “Se”, a palavra mais longa de qualquer dicionário – Suspirou Kauan.

- Como assim?

- Se eu tivesse nascido no século passado... Se eu fosse uma mulher e não um homem... Se eu fosse um político e não um gráfico... Se eu fosse branco e não negro... Se...

- Hummm... acho que entendi. A vida e suas indeterminações parece ser um campo semântico infinito... – filosofou Amanda.

- Talvez não infinito, mas sempre com resultados imprecisos.

- Isso incomoda você?

- Não! Absolutamente; ao contrário, sempre acabo acreditando que, no final, tudo vai ficar bem!

- Tudo vai ficar bem! Você não passa de um eterno otimista...

- Esperança, garota, esperança! Sem ela não se chega muito longe.

Kauan deveria ser uns dez anos mais velho que a funcionária. Ele beirava os trinta; então, sentia-se seguro em chamá-la de garota. *Tenho que admitir ser uma morena que irradia um afeto extravagante.* Conheceram-se há poucos meses, quando ela aceitou o emprego de *designer*, criando peças digitais na gráfica que ele orgulhosamente herdara de seu pai, Herculano, neto de um escravo famoso da região do Oeste catariense, o Chico da Matilde, um líder abolicionista.

*Tudo vai ficar bem!*

É verdade que o desbravamento do Oeste fora assentado sobre a miscigenação de raças: os indígenas, os colonizadores portugueses, italianos, alemães e, em tempos paralelos, os escravos negros. Uma heterogênea coleção de cores, valores e ideias, enquadradas dentro de um mesmo território para nele milhares de catarinenses viverem o seu destino.

Chico da Matilde chegou na primeira leva de escravos africanos que pisaram o solo do Oeste de Santa Catarina. Vinte anos, robusto, saudável. Um escravo que qualquer senhor de terra compraria sem pechinchar. Quando envelheceu, ainda sinalizava traços de virilidade e o seu patrão queria treiná-lo na arte da protelação.

- Um dia você será livre!



Mas ele estava decidido. *Não! Minha liberdade será aqui e agora.* Nunca gostou de adiar atos e decisões. *Vou escrever uma nova história para as próximas gerações de negros.* Chico da Matilde desembarcou com seus pais e irmãos no Rio de Janeiro. Sua família havia sido conduzida por traficantes europeus na Costa de Mina, região ao Leste do Porto de Elmina (atual Gana, na África Ocidental). E assim começava a moldura dos fatos em terras brasileiras. Do Rio, outro navio os trouxeram para Desterro e, da capital catarinense, seguiram para as futuras terras do Índio Condá, onde se ocupariam da criação de gado, extração de madeira e serviços domésticos.

Alguns historiadores afirmam que por volta dos anos 1850, a po-

*Tudo vai ficar bem!*

pulação escrava na Província de Santa Catarina chegava a aproximadamente quinze mil negros, tornando a escravidão uma brutal realidade em terras catarinenses.

Embora o sistema escravagista dava sinais de falência, esta gente permanecia cativa em decorrência da resistência intransigente de seus senhores. A maioria dos escravos negros eram tratados como não existentes. E, no caso de Chico da Matilde, o seu patrão se mostrava irredutível. Alforria de escravos continuaria sendo um tabu; pelo menos para ele, um tema transcendental. Tinha certeza que sempre seria senhor de terras e de homens.

Estava enganado. Cada ciclo tem a sua identidade. *Ninguém atravessa um rio duas vezes no mesmo lu-*

*gar. As águas serão outras. Chico matutava. A escravidão denuncia o tempo das coisas nefastas. Da maldade instalada no coração de homens que se dizem poderosos. Negro tem essência. Sim! Sou gente de verdade. Nem o tempo, nem as correntes, nem os castigos, nem mesmo a morte apagará o legado da minha raça.*

E Chico sonhava com as histórias contadas por um comerciante vindo dos Estados Unidos que passara uma temporada na fazenda. Ele falava de democracia, de pátria, de justiça social. Os ventos da liberdade já tinham soprado naquelas terras do Norte, embora em algumas regiões ainda houvesse resquícios de gente presa a grilhões, enquanto cultivavam campos de algodão. Ele contou que quando adolescente seus pais o levaram a uma igreja cristã frequen-

*Tudo vai ficar bem!*

tada por negros. E lá ele ouviu uma canção que nunca mais esqueceria. Os escravos adaptaram uma melodia folclórica rural, composta na sua origem com palavras de dialeto utilizado por negros africanos, acrescidas de um vocabulário bíblico; na época, o comerciante norte-americano não conseguira saber se a saudade expressa na canção era do céu ou da terra africana nativa e de seus familiares que por lá ficaram. A poesia gotejava nostalgia:

*Da linda pátria estou bem  
longe; cansado estou;  
Eu tenho de Jesus saudade, Oh,  
quando é que eu vou?  
Passarinhos, belas flores,  
querem m'encantar;  
São vãos terrestres esplendores,  
mas contemplo o meu lar.*

*Ismael dos Santos*

*Jesus me deu a Sua promessa;  
me vem buscar;  
Meu coração está com pressa,  
eu quero já voar.*

Anos depois, em 1873, Chico da Matilde finalmente teve acesso a sua alforria, graças a Lei do Ventre Livre, aprovada dois anos antes pelo Legislativo brasileiro que, além de determinar que os filhos de escravizados nascidos a partir de 1871 seriam considerados livres, possibilitava também ao escravo criar um fundo para a sua emancipação. E ele conseguiu, após sete anos de serviço como indenização e pagamento ao seu antigo senhor. Livre, fez carreira como tipógrafo, além de conquistar o posto de Imediato de Juiz de Paz, feito inusitado para um negro recém liberto, graças à amizade com um te-

*Tudo vai ficar bem!*

nente coronel responsável pela Guarda Nacional no Oeste catarinense. Numa época em que os negros participavam de forma limitadíssima da sociedade que os desprezava, a conquista social de Chico da Matilde causava absoluto estranhamento.

Kauan recuperava de tempos em tempos as histórias do bisavô. Uma rotina cronometrada; e embora nem tudo na vida possa ser programado, ele queria imergir nas narrativas dos seus antepassados para, talvez, conhecer a si mesmo. *A vida se parece com uma sala de cinema onde entrada e saída se confundem.*

## 2

Quando viu Amanda pela primeira vez, Kauan ouviu vozes, construiu frases, imaginou cenários. A garota que se candidatava à vaga de *designer* digital na Gráfica Casarão, exibia traços de uma morena atraente.

A primeira impressão mexeu com o coração de Kauan, mas ele abandonou rapidamente o campo das emoções. *Como proprietário da gráfica, devo manter distância. Relação chefe-colaborador sempre se mostra campo minado.* Não obstante seu esforço interior, ele sabia que o seu coração parecia uma pista esburacada, difícil de contornar os obstáculos. Descobriu-se emboscado pela realidade do amor.

*Tudo vai ficar bem!*

- O que temos na agenda de hoje?

Amanda fora a última a sair da gráfica na noite anterior. E a sua mesa estava impecável.

- Nada agitado. Às nove horas vêm aquele escritor com sotaque espanhol. Parece que decidiu publicar a sua coleção de poemas.

- Hummm... recordo... o velhinho solitário.

- Ele mesmo. Já fiz uns ensaios para a capa. Acho que ele vai gostar.

- Isso me fez lembrar de uma coisa. Preciso ver o Tio Ambrósio.

- Ele continua no hospital?

- Exato. Dê uma olhada para mim sobre o horário liberado para visitas no Regional.

- Claro. Verifico agora mesmo.

O dia subindo e a mente de



Kauan divagando. No emaranhado das imagens, o olhar de Amanda feito um tigre rebuscando o seu coração. Sempre que se cruzavam, ele simulava uma expressão vazia. Recuava com medo de avançar o sinal inexplicável das emoções. E não lhe faltavam emoções; entretanto, nunca namorou a sério. *De quantos abraços sou feito? No amor, nunca tive leme, nem âncora.*

Mas a pedra da paixão rolava. *Não quero funda ferida; afinal, para que afligir-se com as tramas da paixão?* O coração depressa replicou: - “Para não me deixares encarcerado na cela como uma fria estátua envolta em solidão”. Kauan tremeu amedrontado, o que fez aumentar a sua palidez. *O amor tem rosto? Porque voz sei que têm.*

*Tudo vai ficar bem!*

Ele suspirou. De pé ao lado de sua mesa, deu uma visualizada na lista de clientes. Se apoiou na sua cadeira estofada. *Preciso colocar mais uma meia-dúzia de empresas nesta relação.* Começaria os contatos no dia seguinte, porque hoje prometera visitar o tio hospitalizado em fase terminal (ambos os pulmões infectados, espalhando pus dentro do peito).

À tarde, quando se aproximou da cama do tio que fenecia, este ensaiou um sorriso e algumas palavras desconexas e arrastadas que o forçavam a mudar de posição, tentando escapar do incômodo da fala. O sobrinho disfarçou as lágrimas; depois, deu um beijo na testa do tio e tudo o que lhe veio à mente foi a imagem de uma cigarra engasgada. Kauan

esticou o pescoço a fim de observar melhor o cenário. A sombra da dor rastejava no quarto, multiplicando o tormento da frágil existência do tio. Olhou para o movimento da rua lá fora. *Sinistros pássaros espreitam pela janela.*

Momentos depois, ao retornar da visita ao hospital, Kauan sequer imaginava que no trajeto seria arrastado por uma trama que deixaria cicatrizes carregadas de ilusão.

# 3

- Você deve ser o Michael Jackson de Chapecó...

Kauan levou um susto.

*Michael Jackson? Eu, Hein!*

A falta de resposta não intimidou a bela loira.

- Está bem, amigo, sua fisionomia me lembrou o astro norte-americano. Então, qual é o seu nome?

Ele hesitou, afinal estava na fila de um caixa eletrônico, com meia dúzia de ouvidos acompanhando a cena. Mesmo assim, decidiu ser gentil.

- Kauan, senhorita.

Eli reprimiu um sorriso.

- Senhorita! Gosto dessa conversa elegante. Deve funcionar bem com as garotas...

A situação estava ficando constrangedora para Kauan. Eli percebeu e mudou a estratégia.

- Perdão – disse dando uma risadinha – as vezes sou traída pelo meu jeito extrovertido.

E emendou:

- Você é novo na cidade?

O caixa eletrônico liberou para o rapaz e a única coisa que Eli ouviu foi o barulho da máquina, enquanto os dedos do “possível forasteiro” deslizavam no teclado. Operação rápida. Quarenta segundos, entrecortados por uma sugestão de Kauan:

- Quando você encerrar o seu procedimento bancário, estarei lhe aguardando na calçada.

Lá fora a rua estava quieta e dois minutos depois a loira de sorriso fácil cutucou o ombro do jovem negro.

*Tudo vai ficar bem!*

- Sou Elisandra. Eli para facilitar a vida. Vai me convidar para um cafezinho?

A moça não esperou a resposta. Como se estivesse no controle da situação, apontou uma mesa em frente a uma lanchonete.

- Certo. Posso lhe contar de onde sou, quanto tempo estou aqui e o que faço na cidade... Tudo em cinco minutos... Pode ser?

- Por que não? Para mim está ótimo.

Kauan se sentou frente a frente da garota desconhecida. *Se essa loira estava caçando um negro para desfilarmos na avenida, ficará decepcionada.*

Pediram um café. Kauan fez questão de pagar.

- Você quer mesmo saber se sou novo na cidade?

- Bem – Eli pigarreou -, nunca o vi numa pista de dança por aqui.

- Hummm... pistas de dança não são a minha praia.

A loira descontraiu:

- Se Chapecó tivesse praia seria a Miami brasileira.

Kauan franziu a testa, tentando imaginar Chapecó à beira-mar.

Depois, fixando os olhos na jovem estranha de olhos esverdeados, sentiu-se aliviado para narrar primeiro a sua história em breves minutos.

O poder de concisão e a sinceridade na voz do rapaz deixou ainda mais evidente a sua elegância.

Eli não conseguiu disfarçar sua admiração:

- Um descendente de escravos que se tornou proprietário de uma gráfica, ou melhor, de um negócio

bem-sucedido. Hollywood pode se interessar pela sua história.

Ele riu, desta vez um som delicioso.

- Quem se importaria?

- Ah! Todos somos curiosos. Histórias de superação fascinam qualquer um.

Depois de um longo gole de café, Kauan arriscou, apontando:

- Ali!

- Onde? O quê?

- Naquele casarão da esquina eu ganho o meu dinheiro...

- Certo. A gráfica que você herdou do seu pai.

Os olhos de Eli pousaram no rosto de Kauan:

- Posso conhecê-la?

- Claro, será um prazer.

Eli deu de ombros.



- Tudo bem... Nasci em Nonoai e logo que a ponte ligando Santa Catarina com o Rio Grande do Sul foi inaugurada, minha família se mudou para cá. Meu pai é médico e sempre desejou que eu pudesse seguir a sua carreira na medicina; mas não suporto hospital. Fiz jornalismo...

- Jornalismo?!

- É... jornalismo... estou com um monte de projetos: livros, jornais, mídia digital... uma hora eu decido.

O celular da garota tocou. Relutante, ela abriu a bolsa, observou o número na tela:

- Droga. Preciso ir. Estão me procurando lá em casa.

Eli se levantou, mas hesitou antes de sair.

- Se você permitir, amanhã cedo faço uma visita à sua gráfica.

*Tudo vai ficar bem!*

- Combinado. Talvez possamos brindar novos tempos na imprensa chapecoense.

*Pobre daquele que sonha em águas turvas* – pensou Eli, seguindo apressada para o carro, enquanto Kauan a observava se afastar com um desfecho martelando sua cabeça. *Esta jornalista pode ser a chave para o meu antigo sonho: um jornal semanal, com notícias locais.*

# 4

Kauan chegou cedo na gráfica no dia seguinte. Precisava negociar com alguns fornecedores de papel.

Antes de subir as escadarias do casarão, observou o voo de um beija-flor que pousara num jacarandá.

Quando passou pela sala de Amanda, ela o saudou com um sorriso.

Ele correspondeu, entusiasmado:

- Bom dia, Amanda. Você sabe como o beija-flor consegue ficar suspenso no ar?

A morena de olhos profundos balançou a cabeça, sem saber a resposta e sem entender o porquê da pergunta naquela hora da manhã;

entretanto, Kauan tratou de responder com rapidez à responsável pelo setor de *designer* da gráfica:

- A agilidade do beija-flor é garantida pela velocidade do batimento de suas asas – muito maior que a de outros pássaros – chegando, em alguns casos, a 200 batidas por minuto; e, assim, de maneira semelhante a um helicóptero, formam-se redemoinhos de ar que mantêm o pássaro pairando.

- Interessante, chefe; mas o porquê da charada logo cedo?

- Bem, é aquela intenção de publicar um jornal semanal na cidade. Estou pensando em criar uma coluna de curiosidades da natureza; então, já estou treinando...

- Legal, vai ficar legal mesmo...

Amanda foi interrompida pelo

som da campanha que soou. Alguém estava à porta do casarão. Ela foi surpreendida por uma loira bem trajada, com um amplo sorriso na face.

- Olá, sou Eli e acho que o seu chefe está me aguardando.

Amanda olhou para a garota à sua frente por uma fração de segundo e tomou a iniciativa:

- Certo, pode entrar. Vou comunicar Kauan.

Dirigiu-se à sala dele e anunciou:

- Chefe, é uma garota que se identificou como Eli...

- Ah! Certo; deve ser a jornalista que conheci ontem. Pode acompanhá-la até aqui?

- É para já, chefe.

Amanda encaminhou a visitante

até a sala da diretoria e retornou à sua mesa. *Jornalista chique. Sei lá...*

Depois das saudações, Eli se acomodou numa poltrona reclinável e juntou as mãos, embora elas nunca parassem quietas de fato.

- Então este é o casarão que você herdou para tocar os negócios...

Ele assentiu sem se preocupar com o passado. Estava planejando o futuro.

- Sabe, Eli, estou pensando em editar um jornal semanal com notícias da cidade...

- Está interessado na minha opinião?

- Bem, aqui está uma gráfica, com máquinas modernas, e você tem um diploma de jornalista. Talvez pudéssemos fazer uma experiência juntos.

- Tá, tudo bem. Gostei da ideia. Mas, antes de qualquer decisão, eu preciso saber tudo o que o amigo quer colocar nas páginas deste jornal.

Kauan apertou os lábios; depois, percorreu por alguns minutos sobre o seu sonho editorial, concluindo:

- Um jornal de 20 ou 30 páginas, publicado na metade de cada semana, abordando temas políticos, sociais, esportivos e de lazer.

Então, fuzilou Eli com os olhos:

- É claro que vou precisar de uma jornalista responsável...

Eli ficou calada por um momento.

- Estou dentro... devíamos começar com um nome...

- *Notícias do Oeste!* – Ele exclamou, com a convicção de quem havia pensado muito no assunto.

- Gostei...

Eli se levantou. Olhou pela janela que dava para os fundos do casarão. Um arvoredo de carvalhos antigos dava a impressão de uma floresta.

- Este lugar é muito bacana... vou ter uma sala por aqui?

- Há duas salas vagas. Pode escolher uma delas.

- Imagino que você me queira na condição de uma jornalista *freelancer*, estou certa?

- Exato. Seria o mais adequado. Uma profissional autônoma que escreveria matérias, assinaria o editorial do jornal e faturaria trinta por cento da venda do jornal...

- Uau! Você é um empreendedor incrível e rápido nas propostas. Parece meu pai convencendo um paciente de uma cirurgia de risco.



A comparação deixou Kauan confuso, mas ele precisava enviar sinais de concordância.

- Eu procuro ser racional, enquanto você parece ser um pouco emotiva, mas nos próximos dias teremos uma boa oportunidade para ousar num projeto bom para a cidade, deixando as pessoas informadas e, talvez, com certa dose de descontração.

- Sendo racional como você, quando começaremos?

- Na próxima segunda-feira vou convocar uma reunião com toda a equipe da gráfica. Você vai conhecê-los e compartilhar o projeto do jornal. Pode ser?

Eli assentiu:

- Negócio fechado!

# 5

- Você disse o quê? – Indagou o gerente da gráfica.

A sala de reuniões do casarão comportava nove cadeiras, todas ocupadas. O proprietário, sete funcionários e uma loira desconhecida que Kauan se apressou em apresentar.

- Eu disse que Eli é jornalista e acho que poderá se encaixar no meu antigo sonho de rodar um jornal semanal na cidade.

- Pensei que fosse um plano a longo prazo – Retrucou o gerente.

Ele parecia estressado, e sua voz, sem dúvida, refletia isso.

Kauan tentou ser plausível:

- Ah, com a disposição de Eli e

com horas ociosas nas rotativas da gráfica, acho que podemos colocar a ideia do jornal em ação em trinta dias.

Eli deu um sorriso estranho. Amanda percebeu, desconfiada.

Kauan olhou para ambas. *Será que eu encontraria a pessoa certa para viver o restante dos meus dias com uma delas?* Aquela dúvida pareceu ridícula para o momento.

- Eli – obrigou-se a chamar – Acho que o pessoal gostaria de ouvi-la sobre o jornal.

A “estranha no ninho” apressou-se em abrir um *laptop* e logo apareceu na tela o *layout* da capa de um jornal fictício. *Eu preciso dar a ideia de que sou a pessoa que eles esperam que eu seja.* As pesquisas na internet no final de semana contribuíram o

*Tudo vai ficar bem!*

suficiente para dar a impressão de que Eli entendia da publicação de jornais.

Em menos de quinze minutos, todo o roteiro do jornal *Notícias do Oeste* tinha sido construído diante dos funcionários da gráfica.

*Eli poderá assumir a liderança do projeto sem dificuldades.* Kauan raciocinava.

Todos pareciam convencidos da ideia, exceto Amanda. *Reconheço que ela é uma conversadora hábil, mas este bate-papo sobre o jornal está me parecendo demasiadamente artificial.*

- Bem – disse Kauan –, fico feliz por vocês terem gostado da ideia do jornal. Nossa missão será revisitar os principais acontecimentos da semana na cidade, com uma pitada de humor e crítica.

Mério, o mais antigo dos funcionários da gráfica, estava empolgado e espontaneamente puxou uma salva de palmas.

Novamente, Amanda não conseguiu pensar em nada positivo para aplaudir. E foi a primeira a retornar à sua sala de trabalho. A imagem da jornalista vinha carregada de subtexto. *Estou sentindo que tem coelho nesta cartola. Mas não vou sobrecarregar ninguém com os meus sentimentos.* Olhou pela janela e tudo o que viu foram nuvens densas e turvas. A chuva não dera trégua na última meia-hora. Por mais que desejasse se distanciar, a fisionomia de Eli assaltava seus pensamentos. *Tem alguma coisa de errado com esta jornalista.* Amanda franziu a testa uma dezena de vezes naquela manhã. Era difícil

para ela mesma entender por que estava tão irritada com Eli; então, enquanto olhava distraída a tela do computador, a imagem aleatória de um castelo europeu a fez saber o porquê. É isso! Eli não está interessada em nenhum jornal, o que ela quer é o *Kauan*. Depois tentou amenizar o seu próprio julgamento. *Talvez eu esteja raciocinando como uma adolescente apaixonada*. Mas o conceito de golpista arranhava sua mente todas as vezes que a fisionomia de Eli surgia nos seus pensamentos. Uma investida da jornalista loira sobre Kauan significava uma ameaça ao seu conto de fadas. *É melhor vigiar de perto o meu castelo, meus soldados, meus cavalos, meus sonhos dourados*. Com os olhos presos ao computador, ficou ainda mais deslumbrada

com a imagem do castelo exibido pela tela multicolorida. Seus lábios se moveram em inaudível murmúrio. *No meu castelo, a rainha sou eu.*

- Amanda...

O chamado de Kauan a livrou do seu deslumbramento quase infantil.

- Sim, chefe...

- Como vai o cronograma da publicação do livro do nosso poeta solitário?

- Ah, sob controle. Falta apenas o verniz da capa. Até sexta-feira entregaremos os mil exemplares.

- Ótimo!

Exclamou e seguiu para sua sala.

Amanda suspirou. *Parece que o meu cavaleiro perdido em páginas imaginárias de um jornal está reencontrando o caminho que sempre sustentaram os seus negócios.*

*Tudo vai ficar bem!*

Cerca de um mês depois, – com o projeto do jornal fazendo água e com confusas reações de Eli, oscilando de ignorância das técnicas básicas para produção de um tabloide e, por fim, da sua indisfarçável raiva sobre o relacionamento de Kauan com Amanda – tudo parecia apontar para um desfecho nada animador.



# 6

Nos dias seguintes, as coisas ficaram realmente tensas.

- Como vai o nosso jornal, Senhorita Eli? – Perguntou Kauan, tocando o braço dela.

Ela esforçou um sorriso, pegando o braço dele, como se tivesse necessidade de sentir mais uma vez aquele toque. E foi logo se desviando da pergunta.

- Tenho pensado na sua gráfica, nos seus funcionários...

- E, então?

- Quando você terá uns minutos para conversarmos sobre os nossos negócios futuros...

Mas antes dela terminar a indagação, Kauan já havia perdido a

paciência. Com o dedo indicador fez sinal que não estava interessado em outros assuntos e, sentindo um arrepio misturado com fúria repentina, aumentou a voz:

- Eli, faz mais de trinta dias que a convidei para um projeto específico: um jornal para Chapecó; e até hoje nada. Até agora apenas perdemos tempo; estamos girando como uma roda gigante, nunca saindo do lugar.

Ela cobriu a boca com a mão:

- Oh, desculpe. Mas dá uma olhada para mim. Você acha mesmo que eu não vou dar conta da tarefa?

Ambos ficaram quietos por uma fração de segundo, imóveis. O rosto de Eli denunciava um medo, inequívoco; para Kauan restava uma decepção honesta.

- Tudo bem, estou atrasada com o jornal, mas isto significa que você não está gostando do meu trabalho aqui?

- Sinto muito, Eli. Não vi trabalho algum até agora.

Eli engoliu em seco.

- Se não fosse por você eu não teria aceitado a proposta e o pior é que você desconhece o quanto é difícil montar um jornal atraente; mas talvez você tenha razão e eu não consiga mesmo cumprir esta missão; aliás, preciso dar um tempo. Visitar meus parentes em Nonoai, buscar inspiração, no final das contas, quem sabe isso possa funcionar.

Kauan olhou para baixo:

- Certo, vamos dar um tempo.

O dono da gráfica não disse mais nada.

Eli se afastou uns dois passos.

*Tudo vai ficar bem!*

- Estou um pouco nervosa; porém, prometo que farei o seu jornal ser um sucesso. Só me dá um tempo.

Ele mordeu o lábio. Não havia mais o que dizer.

Ela estufou o peito:

- Você terá um jornal chamativo, moderno e gostoso de ler, nem que seja a última coisa que farei na vida.

Depois, a loira lançou um último olhar para o negro que a cativara; contudo, dos seus olhos brotava um impulso amargo, feroz. *Na hora certa vou lhe dar o troco.* Pegou sua bolsa e disparou para o estacionamento. Passou alguns minutos paralisada dentro do carro. Sentiu o golpe. Não conseguia pensar em mais nada. Pálida e suando ligou o veículo. *Pelo menos ninguém ouviu nossa conversa. E isto é bom para os meus planos.*

# 7

Naquele mesmo dia, Eli colocou o seu verdadeiro esquema em ação.

*Vamos às compras!* Passou de carro pelo monumento *O Desbravador*, contornou a Catedral Santo Antônio e ao observar alguns fiéis subindo as escadarias, soltou um palavrão. *Gente idiota! Deus não existe!*

Parou no primeiro supermercado e encheu uma cesta com itens que lhe interessavam; depois, seguiu direto para o seu apartamento. Arumou uma mochila com roupas esportivas. Tomou um banho e se sentou numa poltrona, acompanhada de uma garrafa de *whisky*. Dormiu. Teve pesadelos e acordou assustada e visivelmente mal-humorada.

*Tudo vai ficar bem!*

Olhou pela janela. Lá fora já era noite. Hora de executar o plano. Colocou a mochila no bagageiro e rodou por meia-hora pelas principais avenidas da cidade. Finalmente, bradou para si mesma: “É agora ou nunca!”. Três minutos depois estacionou o carro em frente ao prédio onde morava a morena da gráfica.

Amanda havia chegado exausta na quitinete alugada na Avenida Getúlio Vargas. Um dia intenso de negociações com clientes. Conferiu a tela do celular: faltavam dez minutos para as vinte horas. *Sinto falta de mãe e da sua sopa de batatas.* Dona Joracy estava a cem quilômetros de distância, numa chácara onde morava com outras duas filhas. Todos os dias mandava uma mensagem no *whatsapp* da filha que se mudara para

Chapecó para estudar e trabalhar. Depois que o seu esposo falecera, a mãe de Amanda havia buscado refúgio emocional num pequeno grupo que se reunia uma noite por semana numa fazenda vizinha. Sentia-se renovada com o afeto e as atitudes de fé dos participantes da célula de oração.

A jovem solitária examinou a geladeira, mas não se animou com nada. Pegou um pacote de bolachas e ligou a TV a Cabo. Lembrou-se de um filme que prometera a si mesma assistir naquela semana: *Relatos do mundo*, com Tom Hanks. Ficou tão empolgada com a história que esqueceu a fome. Próximo das onze horas o interfone tocou. Ela levou um susto.

- Amanda, sou eu, Eli.

- Eli?!

- Preciso de um favor. O Kauan pediu para eu deixar um *layout* do jornal amanhã na sua mesa. Ele terá uma reunião cedo com patrocinadores; mas vou ter que fazer alguns ajustes. Coisa rápida, no máximo meia hora. Será que você poderia ir comigo? Estou achando um pouco tarde para ficar lá sozinha...

- Bem, eu ainda não comi nada e estou no final de um filme...

- A gente pede uma pizza...

- Certo, desço em cinco minutos.

Amanda sentiu um calafrio enquanto trocava de roupa. *Isso é... isso é... errado. Trabalhar na gráfica nesta hora da noite.* Estava quase desistindo de acompanhar Eli, mas pensou ser melhor não decepcionar o chefe



no dia seguinte na reunião com os seus possíveis patrocinadores.

Quando encontrou Eli na calçada teve certeza que estava fazendo a coisa errada. Tarde demais. O interior do automóvel exalava álcool. E antes que Eli desse a partida, ela tomou coragem e reclamou:

- Eli, você bebeu... é melhor deixar eu dirigir...

A lua riscava o céu com um desenho sombrio.

- Foi só um gole para buscar inspiração. Estou bem, menina. Vamos ao que interessa!

*Vamos ao que interessa? Do que ela está falando. Deus de mamãe tenha misericórdia de mim.*

Apesar de embriagada, Eli dirigiu com razoável segurança; mas ao desembarcarem em frente ao portão da gráfica, a loira se transformou.

Sacou da bolsa uma pequena pistola e a apontou para a cabeça de Amanda, ordenando:

- Desligue o alarme do casarão e abra a porta com cuidado. A noite será longa... É melhor ficar calada ou posso fazer bobagem.

- Você não precisa fazer nada disso... O que você quer de mim?

- De você eu não quero nada. Eu quero é tirar do seu chefe as duas coisas que lhe são mais valiosas... você e o casarão!

- Não! Por favor, não faça besteira...

- Calada! Siga minhas ordens!

Amanda desligou o alarme, subiu os degraus do casarão com passos lentos com uma arma cutucando as suas costas. Abriu a porta com um terror indisfarçável na face.

- Para sua sala, querida. Vamos, depressa!

Amanda sentou-se na sua cadeira de trabalho, com uma expressão quase de dor. A loira mantinha a arma apontada para a sua cabeça.

- Quer saber, Amanda, a vida é uma droga. Ah! Não sou jornalista coisa nenhuma, nem filha de médico. E o homem por quem me apaixonei, escolheu você.

- Não! Isto não é verdade. Kauan é apenas o meu chefe...

- Era o seu chefe... talvez o seu amado também... tudo vai acabar aqui e agora!

- Do que você está falando, Eli?

A loira não deu ouvidos a pergunta. Puxou do interior da bolsa um rolo de fita isolante largo e transparente e sem se descuidar da pistola

*Tudo vai ficar bem!*

começou a amordaçar a funcionária assustada da Gráfica Casarão. Em poucos segundos, tudo o que Amanda conseguia fazer era ouvir, ver e respirar com dificuldade. Estava completamente imobilizada junto à cadeira.

Eli apagou a luz da sala e se afastou na direção do depósito da gráfica. Borrifou álcool no miolo de uma bobina de papel e ascendeu um isqueiro. Pronto. Uma pequena chama começou a arder. Correu até à sala de Amanda, deu um riso de escárnio e blasfemou:

- Tchau, vadia. Eu preciso ir!

Lá fora, Eli ligou o carro, porém, não deu a partida. Sentia-se paralisada. Confusa sobre qual o melhor trajeto de fuga.

Amanda sentiu vontade de cho-

rar. Os pensamentos não eram claros. A sala estava ficando quente.

Inesperadamente escutou a voz de um homem:

- Ore ou morra!

A voz que Amanda ouviu parecia vir de alguém sentado ao seu lado. Não conseguia mover um centímetro da cabeça. *Será que estou ficando louca!*

- Vamos, Amanda, ore ou morra!

A ordem soava mais alto que o alarme de incêndio que acabara de disparar no caseiro. Não podia girar a cabeça para saber quem falava com ela.

Lá fora, o som de alerta de incêndio ressoou no exato instante em que Eli decidiu partir. Ela não contava com um alarme de incêndio; en-

*Tudo vai ficar bem!*

tão, disparou em direção à fronteira com o Rio Grande do Sul.

A voz desconhecida silenciou, mas, agora, além do alarme, Amanda ouviu o rugir do fogo e sentiu o calor mais intenso que já havia suportado. Fazia anos que ela não orava; mas sabia que era o que tinha a fazer. *Deus de mamãe, socorre-me!* O desespero provocou uma enxurrada de pedidos pela misericórdia divina, misturado às lágrimas de angústia. Uma voz diferente, rouca, perversa e assustadora sussurrou nos ouvidos de Amanda.

- Desista, menina. Não existe ninguém ao seu lado. Você está sozinha. Deus a abandonou. Eu sou a morte e vim buscá-la!

*Devo estar perdendo a razão. O medo do fogo está me deixando maluca.* Amanda recomeçou a chorar.

Observou a luz que começou a invadir a escuridão da sala. Era fogo. E a primeira voz que ouvira ressoou novamente, branda e firme:

- Amanda, você não tem tempo para desistir. Vamos, continue clamando. Há um Deus nos céus que não se esqueceu de você!

Dessa vez, Amanda raciocinou com rapidez. *Eu ainda não estou morta. Sou capaz de clamar ao Deus de mamãe.* E lembrou-se da última mensagem que sua mãe lhe enviara, na manhã daquele dia. *“Deus falou na Bíblia: Clama a mim e responder-te-ei!”*. Uma enxurrada de palavras invadiu a sua mente. Pedidos por misericórdia, salvação, livramento. *Se Tu existes, socorre-me, Deus!*

E, então, o medo que a assombrava deu espaço para uma sensação de paz. Ouviu sirenes e viu um ho-

*Tudo vai ficar bem!*

mem enorme com trajas que mais parecia um astronauta do que um bombeiro. Sim, a farda era de bombeiro, mas de um branco brilhante. *Bombeiro de branco?* A imagem não podia ser real. *Acho mesmo que perdi a cabeça.*

Mas o bombeiro-de-branco estava agindo rápido. Com um extintor às mãos debelou as chamas que insistiam avançar pelo corredor; depois, voltou-se para Amanda e com um canivete foi rompendo as amarras de fita isolante. Quando se viu livre da mordaca, Amanda quis gritar, mas ele colocou o dedo polegar sobre os seus lábios e falou com o mesmo tom de voz de quem havia sugerido para que ela orasse:

- Calma, Amanda, vou abrir esta janela. Pule por ela em direção à rua... Tudo vai ficar bem!



*Tudo vai ficar bem! Será que este homem é algum amigo de Kauan?*  
Mas não havia tempo para divagações. Quando o bombeiro-de-branco abriu a janela, Amanda a ultrapassou velozmente. Caiu sobre uma grama que já exibia fagulhas de brasas. Ergueu os olhos em direção à rua e então se levantou às pressas. Correu até à calçada, coberta de fumaça e suor e só parou quando bateu de frente com um bombeiro que tentava entrar no casarão. Ambos se assustaram.

- Quem é você e o que está fazendo aqui? – Perguntou desconfiado e apressadamente o homem que carregava uma enorme mangueira.

- Sou funcionária da gráfica e um bombeiro-de-branco acabou de me livrar das chamas!

- O quê? Bombeiro-de-branco? Quem você está pensando enganar? – questionou o brigadista com olhar cético. – Você não sabe que o nosso uniforme é este macacão cáqui quando enfrentamos o fogo?

E, voltando-se para o sargento que acabara de chegar ao local, informou com rapidez sobre a história da moça que fugira das chamas. O comandante da operação também não acreditou em nada daquilo. *Bombeiro-de-branco?! Ou ela está delirando ou mentindo.*

- Corra com a mangueira, deixe que eu cuido da moça! – Ordenou o sargento.

O bombeiro e Amanda se protegeram junto ao caminhão da Corporação que permanecia com o *giroflex* ligado; enquanto dois outros cami-

nhões de combate a incêndio estacionavam no local. A fumaça tomava dimensões enormes e logo as chamas com vislumbres laranja e vermelho começaram a escalar o telhado do casarão.

Tentando se fazer ouvir em meio ao som de labaredas famintas, o sargento gritou para outros dois bombeiros que atuavam na operação:

- Cuidado com o telhado. É antigo e pode desabar a qualquer momento!

- Tudo sob controle! – Respondeu um dos brigadistas.

A porta da frente do casarão tombou faiscando, e começou a arder devagar.

Amanda deu um grito aterrorizada e fechou os olhos, quando os abriu viu Kauan correndo em sua direção.

*Tudo vai ficar bem!*

- Amanda, você está bem?

- Sim... Estou bem... – conseguiu dizer em meio às lágrimas.

Ela estava em choque.

- Como você veio parar aqui?

- Eli...

- O quê?

- Ela mentiu para você, assim como para todo mundo...

O fogo parecia mascar sem pressa a madeira do casarão, mas o som produzido pelas labaredas não impediu Amanda de contar para Kauan o que havia acontecido.

- Eli não é filha de médico nenhum e muito menos jornalista...

*Ah, isso. Sim, era isso...*

- Preciso falar com um amigo! – Ele sussurrava enquanto deslizava os dedos na tela do celular. Do outro lado da linha, o Delegado Regional

ouvira com curiosidade a narrativa do empresário.

Em poucos minutos ele próprio, seguido por uma viatura da Polícia Militar, estava na Rodovia SC-480, em direção à fronteira com o Rio Grande do Sul; quando os policiais chegaram à ponte que ligava os dois estados, eles viram um carro parado no centro dela; o motor ligado, mas ninguém no seu interior. Era o carro de Eli.

O Delegado ligou para Kauan:

- Tarde demais, amigo. Tudo indica que ela pulou da ponte direto para as profundezas do rio Uruguai.

O comerciante gráfico suspirou assustado. E o agente da Polícia Civil continuava falando:

- Revistamos o veículo. Nenhum documento. Apenas uma mochila

com roupas femininas no bagageiro e um livro encontrado debaixo do banco da suspeita.

- Um livro?!

- Sim, um livro. Isso vai soar idiotice, mas é o que tenho em mãos: *“Como fazer alguém se apaixonar por você em 90 minutos”*.

Kauan se limitou a balançar a cabeça; depois, agradeceu o telefonema.

No final daquele dia um pescador encontraria o corpo de Eli em uma barranca do rio.

O dono da gráfica permaneceu por alguns segundos contemplando o trágico espetáculo das chamas naquela madrugada fria. Finalmente, envolveu o pescoço de Amanda e lamentou:

- Eli cometeu a sua última loucura...

Amanda começou a chorar novamente.

Os bombeiros já faziam a operação de rescaldo, apagando todos os possíveis focos que insistiam reascender.

Um estrondo infernal assustou a todos – bombeiros e curiosos – quando o telhado desabou, arrastando consigo as principais paredes da gráfica.

O casarão não existia mais. Tudo o que restou foram cinzas.

# 8

A destruição pelas chamas da Gráfica Casarão, fez Kauan imergir em buscas inúteis pela fé professada pelos antepassados. O seguro pelo sinistro daria para refazer parte dos negócios. *A construção de um novo prédio está garantida. Darei um toque de modernidade;* entretanto, todas as suas fibras vibravam em busca da superação de uma outra angústia, que lentamente estraçalhava o seu interior, com mais força que o fogo que devorou a sua herança comercial.

Por muitos anos havia lutado no escuro quanto às questões relacionadas a Deus. Sempre tentou depender de si mesmo e do seu preparo; porém, chegou a hora de vencer



este estágio de indiferença. Cada vez que a imagem das chamas destruindo o casarão retornava à sua mente, Kauan constatava a limitação de suas forças e a ineficácia de sua capacidade de controlar fatos e projetos. *Se Deus é quem detém a última palavra, preciso encontrá-Lo.* E com esta ideia em mente, sugeriu a Amanda uma visita à casa de sua mãe na chácara onde ela vivia. Talvez Dona Joracy tivesse respostas ao vazio que o atormentava. Estava num vasto processo de busca pela espiritualidade. Os frágeis muros de sua racionalidade desabavam. *Se você quiser a chave da existência, você vai precisar de quem a possui, Deus.*

Amanda, mesmo ocupada em administrar o novo espaço locado para tocar os serviços da gráfica, in-

tensificou a troca de mensagens com a mãe:

- Tudo está muito triste: o galpão que alugamos, as poucas máquinas que conseguimos salvar das chamas, os funcionários não conseguem sorrir...

- Eu compreendo, Amanda. Lembra do túnel doloroso que encaramos quando perdemos o seu pai? As respostas são vagas quando é tempo de desgraça. Só Deus para aliviar o peso da vida.

- Kauan gostaria de falar destas coisas com a senhora...

- Diga para ele que não vejo a hora de conhecê-lo. Há um quarto de hóspedes esperando por ele aqui na chácara.

Três semanas depois do incêndio na gráfica, às seis da manhã, na

rodovia BR-282, enquanto o carro de Kauan cobria a distância entre Chapecó e Cunha-Porã, ele e Amanda refletiam sobre os últimos acontecimentos; finalmente, a garota indagou:

- Por que você acha que mamãe poderá ajudá-lo nesta sua busca por Deus?

- Bem, você me falou das reuniões que ela tem frequentado e das mensagens que ela tem remetido para você. Não foi isto que te ajudou a manter a calma enquanto presa à cadeira naquela sala prestes a incendiar?

- Sim, isto é verdade...

- Então, alguma coisa me diz que a fé de sua mãe poderá me ajudar a entregar o leme da minha vida para Deus, antes que o meu barqui-

nho seja destruído pelas rochas de uma nova catástrofe.

- Talvez você tenha razão... meus pés tropeçaram na fuga em direção à janela aberta pelo bombeiro-de-branco e por um breve instante eu pensei que não conseguiria escapar; ali mesmo constatei a fragilidade da vida... parece que mamãe estava me dizendo: *“Você só poderá fugir do fogo se correr para os braços de Jesus”*.

- É isto Amanda, eu e você precisamos rever o modo como temos conduzido nossas vidas até aqui. Acho que a fé da sua mãe poderá nos ensinar como a existência humana foi feita para funcionar, à maneira de Deus.

Quando chegaram à chácara, no interior de Cunha-Porá, cruzaram duas porteiras, sempre fazen-

do uma pausa para cumprimentar agricultores que transitavam pela estradinha de chão batido, o carro diminuiu a marcha para acessarem à entrada principal da chácara; estacionaram sem pressa e subiram um lance sinuoso de escadas de barro. A mãe e as duas irmãs de Amanda os aguardavam com um café colonial.

No final daquele dia, a mistura de cansaço e ansiedade não impediu Kauan de percorrer a pé com a família de Amanda os mil metros que os separavam da fazenda vizinha onde um grupo de agricultores se reunia para um tempo de orações, cânticos e reflexões bíblicas.

Se por um lado ele ficava horrorizado com a ideia de deixar a sua mente escorregar para um abismo de superstição mística; por outro, não

*Tudo vai ficar bem!*

perderia a oportunidade de encontrar a melhor resposta para os seus conflitos relacionados à fé e, se necessário, reavaliar as suas crenças. *Acho que o meu estoque de felicidade zerou.*

Foi deitar no quarto de hóspedes da chácara com a cabeça latejando. Apenas no dia seguinte a atmosfera de absurdo foi aos poucos cedendo espaço a um ambiente descontraído, graças à amizade relâmpago firmada com um agricultor da região, o Seu Salvatore, tio de Amanda. O ítalo-brasileiro fora criado e ambientado na roça, falava da vida, de Deus, da família, da terra, dos negócios, sempre com uma pitada de ironia; para tanto exibia uma coleção (às vezes, original; outras, adaptada) de metáforas extraídas da zona rural. Quando

avistou Kaun, abriu um largo sorriso:

- Gato que já levou tijolada, não dorme em olaria.

Kaun gargalhou. *Gostei deste italiano tipicamente camponês.*

- Amanda me contou um pouco do incêndio do seu comércio. Você parece bem abatido.

- Mas barulho na cidade do que prejuízo – disfarçou Kauan.

- Sei, o cavalo sofre, mas quem geme é a carroça.

O negro chapecoense se sentou em um toco de árvore recém podado. Queria poupar palavras.

- Fui ingênuo ao cair na lábria daquela falsa jornalista. Ela parecia sonhar em ser a prefeita da cidade. Traços insaciáveis.

- Sei... Sei... Jacaré comprou ca-

deira, mesmo sabendo que nunca conseguiria sentar...

Kauan quase se desequilibrou do toco de tanto rir.

- Puxa, até parece que você esteve em contato com Eli...

- Não, não... mas este tipo de gente você encontra em qualquer lugar.

- Por falar em lugar, como vocês sobrevivem por aqui...

- Cultivamos milho, feijão, arroz, trigo, mandioca...

Salvatore se abaixou e tirou uma moeda perdida debaixo da pedra onde estava assentado. Depois, prosseguiu:

- Alguns possuem vacas, galinhas e suínos criados soltos nas mangueiras. Somos uma típica localidade agrícola do Oeste catarinense.

- Dá para ser feliz?



- Depende... sempre há encenqueiros, mas a maioria luta pela vida, dignidade, fé...

- Fé?!

- Há muito tempo desenvolvemos uma confiança singela em Deus.

Um coaxar de sapos quebrou o discurso, enquanto um morador da vila passou carregando um martelo e um serrote. Ambos o cumprimentaram e Salvatore não perdeu a simbologia cristã da imagem:

- Jesus foi mais que um carpinteiro...

Aquilo deixou Kauan confuso. *Nunca é fácil navegar por águas desconhecidas.* Entre ele e a comunidade rural, havia barreiras culturais e intelectuais que Kauan não fazia qualquer ideia de como transpor. Não possuía nenhum conhecimento refinado de

*Tudo vai ficar bem!*

Deus. *Eu preciso captar melhor estes conceitos sobre a fé desta gente.*

- Mais que um carpinteiro... Você me deve uma explicação; afinal, sempre enxerguei a história de Cristo como uma projeção das minhas imaginações. Apenas isto.

- Não ponha a carroça na frente dos bois... conviva alguns dias com a gente e você vai começar a entender o nosso compromisso com a fé em Jesus.

Arquiteto de suas convicções religiosas, Kaun percebia que suas ideias sobre Deus e o relacionamento com Jesus se mostravam absolutamente frágeis. No máximo meias verdades em busca de gratificação imediata que não suportariam a tenacidade da confiança daqueles agricultores.

- Salvatore, você está me garantindo que numa sociedade egoísta e

materialista como a nossa, eu posso cultivar uma experiência com Deus?

- Macaco velho não pula em galho seco. Vou reforçar o meu pedido: fique alguns dias conosco, observe o nosso estilo de vida e, se desejar, frequente outras de nossas reuniões domésticas; depois, extraia as suas próprias conclusões. Estarei orando por você e Amanda. Há uma experiência possível com Deus.

No terceiro dia na chácara, Kauan se sentia ainda mais encantado com a sabedoria e a simplicidade do amigo agricultor descendente de italianos.

- Parece que a sombra está sendo curta para você se abrigar...

- Do que você está falando?

- De suas dúvidas sobre a nossa fé.

- Bem, é tudo muito novo e confuso para mim.

Sentiu uma dor roer forte em seu peito:

- Não estava preparado para o fogo na gráfica, a fatalidade de Eli... ela não precisava ir tão longe, literalmente pulando naquele abismo...

- Lamento por Eli, talvez a cabeça dela ficou grande demais para o chapéu...

- Como assim?

- Por tudo o que eu ouvi, deduzo que Eli permitiu que as suas próprias mentiras dessem a ela a sensação de que o mundo estava aos seus pés; contudo, todos nós, sem exceção, temos os pés de barro.

Salvatore saltou sobre um tronco de árvore caído até se sentar numa pedra. Uma cerca viva rodeava uma plantação de milho.

- Veja esta roça, Kauan. O milho nasce porque foi plantado numa terra boa. Se o seu coração se inclinar para as coisas boas de Deus, a fé brotará sem complicações. Não se pode colher milho se você plantar espinheiros. O coração é o teste final para tudo. Se você for sincero e abrigar em seu coração a semente da Palavra de Cristo, você pode esperar que uma árvore frondosa produzirá bons frutos em todas as áreas de sua vida...

Kauan interrompeu:

- Que tipo de frutos?

- Equilíbrio, paz, bondade, paciência, humildade, esperança...

- Coisas difíceis, não acha?

- O sucesso de uma colheita depende de muitas variáveis: o clima, a semente, o semeador; mas eu diria

que o mais importante é o solo. O destino da semente depende do solo, assim como o fruto de uma vida com Deus. Ele é o semeador das boas virtudes, mas as sementes não darão frutos se eu e você não abrirmos os nossos corações. E como você sabe, Deus não arromba portas, é preciso convidá-Lo para entrar.

- Talvez você possa me ajudar a reagir positivamente à semente que Deus está lançando no meu solo.

- Claro, claro... Quem sabe começando com uma oração.

E junto àquela roça de milho, Kauan faria a primeira oração de sua vida, entregando o seu coração e os seus destinos nas mãos de Deus. Seus olhos foram abertos para uma nova e atraente luz.

- Posso perguntar uma coisa?

- Vá em frente... perguntar não custa nada!

- Você fez uma oração como se Deus estivesse assentado aqui comigo neste tronco de árvore caído. Isto não sugere petulância?

Salvatore ouviu o som de uma gaita de boca.

- Está vendo o músico?

- Não, não vejo ninguém por aqui, mas ouço o som de música.

- Do outro lado do rancho há uma figueira e posso garantir para você que o meu sobrinho Nilson está encostado naquela árvore tocando a sua gaitinha de boca. Mesmo que eu e você não o vejamos, ele está lá!

- Então temos uma figueira, um garoto e o som de uma gaita de boca...

- E Deus, Kauan, Deus! O Criador de tudo e de todos é real, presente e ativo. Talvez você não vá enxergar

*Tudo vai ficar bem!*

os seus dedos, suas mãos, seus braços  
trabalhando... mas ele está em cada  
curva de nossas vidas, intervindo nas  
nossas histórias pessoais.



# 9

Após quatro dias na chácara da mãe de Amanda, Kauan precisava retornar a Chapecó.

Acordou sorrindo com a cena do dia anterior, quando Salvatore, tentando ensiná-lo a montar num burro, disparou em zigue-zague direto numa lagoa de peixes. *Foi o mais engraçado que vi por aqui.* O italiano levantou pesado e um tanto cômico, com as calças-curtas pingando lama, mas sem perder o bom humor:

- Mal por mal, antes a lagoa que o hospital.

A gargalhada foi estrondosa.

Mas agora o coração estava agitado, precisava partir. Levantou, fez a barba, tomou um banho. Perguntou

*Tudo vai ficar bem!*

a si mesmo como seria recomeçar a vida de empreendedor. Mas não partiria sem antes tomar uma xícara de café com Salvatore.

O italiano já o aguardava junto à porteira da chácara.

Kaun sorriu.

- Ainda achando graça da minha montaria no burro?

- Você é muito divertido...

- Rapaz, preste atenção: a prática leva à perfeição, exceto na roleta russa!

Mais uma vez ele não resistiu uma gargalhada.

Sentaram-se à mesa.

Salvatore fez uma breve oração e logo o aroma do café invadiu a pequena cozinha. Kauan silenciou por alguns segundos. Salvatore o cativava. Por baixo daquele verniz rústico

havia um refinamento cultural, devidamente acomodado na linha de raciocínio do professor aposentado de geografia. *Talvez este café seja uma carruagem divina que me conduza para mais perto de Deus. Não vou perder nenhum segundo.*

- Amigo, como você sabe que suas atitudes cristãs não são apenas uma prática de vida sob o disfarce de mais uma religião?

- Religião?! Não, não, não. O Evangelho de Cristo nos desafia diariamente a agir com base em princípios, como aqueles que tenho compartilhado com você: verdade, justiça, misericórdia, humildade, equilíbrio e muito mais. Uma jornada surpreendente!

E num gesto rápido tomou uma maçã em suas mãos:

*Tudo vai ficar bem!*

- Veja esta fruta – bonita, saborosa –, mas se eu a esquecer no bolso desta minha jaqueta por algumas semanas, por certo apodrecerá; da mesma forma, nossas decisões, atitudes, imaginações, projetos, todos os nossos sonhos, se não estiverem abrigados em Cristo – a Árvore da Vida –, se estragarão. É aqui, Kauam, que entra a história da redenção. A imagem divina em nós foi arruinada e apenas um novo nascimento pode mudar o nosso destino.

- Se entendi a sua reflexão bíblica no nosso primeiro encontro, quando você fala em redenção, você está se referindo ao ato da crucificação de Cristo há dois mil anos em Jerusalém...

- Certo... e, então?

- A morte de Jesus não seria ape-

nas a história de um erro judicial trágico?

- Mil vezes não! Jesus mesmo afirmou: *“Ninguém tira a minha vida, eu mesmo a dou”*. Ele poderia renunciar aquele cálice de dor e vergonha, mas Ele sabia que a cruz seria a maior prova de amor e a única maneira de nos reatar com Deus.

Salvatore fez um amplo gesto com os braços, como se estivesse sendo crucificado, e prosseguiu:

- Não foi por falta de um bom advogado que Ele foi parar na Cruz... foi simplesmente amor!

Pouco a pouco Kauan viu suas dúvidas evaporando como a névoa ao sol daquela manhã.

O chapecoense tomou outro gole de café. Tinha que partir, mas desejava ouvir um pouco mais sobre a fé em Deus.

- Você se importa se eu fizer mais uma pergunta?

O italiano sorriu:

- O aposentado aqui sou eu. Tenho todo o tempo do mundo.

- Como posso ouvir a voz de Deus?

- Deus é criativo. Fala com o silêncio, com o sorriso de uma criança, com as palavras que ditou no Livro Sagrado. Ah! Sua voz se espalha por onde você passar. Ou você acha que o “bombeiro-de-branco” que Amanda jurou ver e ouvir não foi por acaso o sussurro da voz de Deus?

Kauan se conteve. Ficou calado. O coração só disparou quando ouviu o chamado de Amanda. Num relance cruzou o olhar com Salvatore:

- Preciso partir. Volto em breve. Só me prometa uma coisa?

- Se eu puder...
- Ore todos os dias por mim...
- Negócio fechado, mas com uma condição...
- Qual?
- Se você sentir que vai cair, caia de joelhos!

- Entendi, com certeza entendi.

Kauan disfarçou as lágrimas quando apertou a mão de seu novo amigo por cima da porteira.

A última hora no interior de Cunha-Porã carregava poucos minutos. Ele começou a despedida pelo quartinho de hóspedes. Recorreu a toda a sua força de vontade para reunir roupas e objetos de higiene pessoal em duas mochilas. Olhou por meio de uma pequena janela e viu o burro pastando ao lado da lagoa dos peixes. Abriu um sorriso.

Depois, seguiu caminho à varanda da chácara onde Amanda, sua mãe e as duas irmãs conversavam tão rápido e alto que dava a impressão de que uma corrente elétrica percorria os seus corpos. Kauan estudou-as por um momento e se dirigiu à mãe de Amanda:

- Quero agradecer-lhe pelo tempo que dispensou a mim e a sua filha nestes dias, Dona Joracy.

E num ato repentino, mas planejado, retirou do bolso interno da jaqueta um envelope.

- Tome isto. É muito simples, mas espero que dê para comprar um vestido ou um sapato. Por favor, receba. É de coração.

O rosto de Dona Joracy ficou afogueado. Pensou em devolver o envelope. Olhou para o quintal até que a voz saiu com hesitação:



- Você sabe que o prazer foi todo nosso em tê-los aqui. A casa sempre será sua, mas farei bom proveito de seu gesto de gratidão.

A irmã caçula de Amanda, com um forte sotaque italiano, tomou a palavra:

- Você não pode imaginar como ficamos contentes por ter Amanda e você por aqui nestes dias. Vamos sentir saudades.

Um cachorro latiu e Kauan aproveitou para pedir licença. Queria dar uma espiada derradeira nos fundos da chácara. As quatro mulheres acenaram positivamente com a cabeça.

Instantes depois, ele sentou-se próximo ao burro que, sem dar importância ao estranho visitante, continuou pastando.

Supondo que a sua voz não se fi-

zesse ouvir naquele canto isolado da chácara, Kauan passou a falar consigo mesmo:

- Pássaros, árvores, plantações, água, um asno engraçado, gralhas que gritam do alto de araucárias, mulheres que trocam segredos, um professor aposentado que parece entender mais de Deus do que de geografia, comida boa, cama quente. Poderia trocar tudo isto pela agitação de Chapecó, mas sei que lá é o meu lugar. Como insiste em repetir Salvatore, há um tempo para todas as coisas.

Kauan encolheu os ombros:

- Tenho que voltar para o meu mundo e para os meus negócios.

O coração ardia em combustão espontânea por Deus; porém, agora, também por Amanda.

Arremessou uma pequena pedra no centro da lagoa. Círculos de água se formaram rapidamente. *Em poucas horas a vida alcança fronteiras nunca antes imaginadas.*

Seus pés se moveram em silêncio rumo à varanda. Colocou as sacolas de viagem no bagageiro do veículo. Abraçou demoradamente Dona Joracy e as suas duas filhas. Piscou para Amanda e partiram.

Na estrada, foram surpreendidos por fortes chuvas. O vento dava uma boa surra no carro esportivo. *Diferente do temporal lá fora, o meu coração pulsa sereno.* Ele vibrava com a ideia de um novo estilo de vida, conectado com os propósitos de Deus.

É estranho como tudo pode mudar de repente. Há poucos dias, com o incêndio da gráfica, a história

*Tudo vai ficar bem!*

de Kauan sofreu uma reviravolta. A alma assombrada com tantas ameaças, cansada e oprimida, agora tinha pressa de correr para os braços do Deus que se fez carpinteiro.

Tempos depois de retornarem de Cunha-Porã, o dono da gráfica observava atentamente a fisionomia de cada funcionário que participava de um coquetel para celebrar a reconstrução do comércio que o jovem empreendedor herdara de seus pais.

Deu um sorriso. Era impossível não sorrir. Todos aparentavam felicidade com o retorno das atividades no antigo endereço.

A mente de Kauan percorreu um longo corredor de histórias, empurrou a porta do tempo indo direto à figura do bisavô, o Chico da Matilde. *Era uma vez um escravo que*

*perseguiu a liberdade. Não sei se de forma plena, mas a encontrou. Hoje, 150 anos depois, seu bisneto desconhece correntes e castigos. Uma sensação convulsiva estremeceu a sua face. Sou livre! O Cristo do Evangelho me libertou dos meus medos e preconceitos. Ele acalmou o meu tormento, abrandou a minha dor e me deu prazer pela vida.*

E, naquela mesma noite, outro evento mexeria com as emoções de Kauan: o noivado com Amanda. Enquanto se dirigiam à pizzaria na Avenida Getúlio Vargas, acompanhados de alguns familiares e amigos, a garota morena murmurou, um pouco nervosa:

- Será que vamos suportar este excesso de emoções?

Kauan deu um beijo no rosto dela:

*Tudo vai ficar bem!*

- Não sei, querida...

Manteve os seus olhos fixos no rosto de Amanda e completou:

- Hoje eu tenho apenas três certezas: Cristo me libertou, eu amo você e tudo vai ficar muito bem!

